



## 6ª Sessão

29 de maio de 2002

sinopse por Andréa Naccache

De início, Jorge Forbes relata ter acompanhado, enquanto esteve fora, o curso de Jacques-Alain Miller em Paris. Miller trabalhava uma frase de Lacan, em *A Lógica do Fantasma*: "o inconsciente é a política". Se, pelo tema a que atenta Miller, nota-se não ter passado em branco na França a atrocidade ubuesca de Le Pen, ao mesmo tempo vê-se a correspondência com o debate promovido por Forbes, em 8 de maio, com a presença de Renato Janine Ribeiro e Tercio Sampaio Ferraz Junior.

Após a interrupção de duas semanas, Forbes retoma seu seminário dando seqüência à apresentação de 24 de abril sobre o final de análise. O resultado da pesquisa realizada por ele com três AEs – François Leguil, Francisco-Hugo Freda e Esthela Solano Suarez – é apreciado, nessa ocasião, a partir de seus trabalhos em colaboração com Newton da Costa, publicados na década de 80, sobre Psicanálise e Lógica.

Newton da Costa, Professor Titular de Matemática e de Filosofia da USP, é o criador da lógica paraconsistente. Trata-se de uma lógica não-ortodoxa, por não respeitar o princípio de não-contradição, um dos três princípios fundamentais da lógica aristotélica: *identidade* ( $A=A$ ), *terceiro excluído* ("ou isto ou aquilo", sem terceira possibilidade) e *não-contradição* (afirmar e negar simultaneamente). Se, ao falar, uma pessoa desrespeita esses princípios, o que ela diz – segundo a ortodoxia aristotélica – é trivial, não é lógico.

Foi justamente ao captar, nos relatos de sonhos, o que desatendia a esses princípios, que Freud percebeu uma lógica própria ao inconsciente (e apontou situações em que, por exemplo, o analisando traz duas alternativas opostas e é possível dizer sim às duas). Esta é a base também do neologismo lacaniano: "*hainamoration*", fusão de amor com ódio.

Newton da Costa e Jorge Forbes, nos seus trabalhos em colaboração, mostraram o percurso de uma análise em três tempos:

(I) No primeiro momento, o analisando traz a *queixa* – seu modo de dizer o sintoma é um "tire isto de mim" – que comporta uma verdade referencial: a pessoa fala de alguma coisa externa à língua. Forbes expõe essa base lógica do início de uma análise com a seguinte notação: L V O ("a língua está disjunta do objeto").

Sobre essa base Freud dirigiu suas análises até 1897, quando escreveu a Carta 69 a Fliess: "não acredito mais na minha *neurótica*". Reconhecia, então, ser impossível que todos os pais em Viena fossem sedutores, como relatavam suas pacientes. Não acreditar mais no referente externo, para Freud, foi o começo do trabalho com a ficção: a psicanálise não age sobre a realidade referencial, mas sobre a realidade psíquica.

(II) Com isso chega-se ao segundo momento, de uma verdade ficcional (a psíquica), do objeto incluído na língua: L O. É o ponto de uma análise quando o analisando

reconhece sua participação no seu mal-estar. Constrói-se uma verdade de ocasião. Se o trabalho analítico se detiver nisso, será simplesmente terapêutico, de ajuste ou adaptação (uma “psicossíntese”, diz Forbes), e não psicanálise.

(III) Afinal, é preciso um terceiro momento, no qual novamente a língua está disjunta do objeto: L V O. Dessa vez, todavia, o referente não é o mesmo do início.

Forbes e Newton da Costa perguntaram-se como nomear a verdade produzida nesse terceiro tempo, e o termo que lhes ocorria era “pragmática”. Um nome que não serve, porque remete ao relativismo (em alusão à filosofia de Richard Rorty, presente em certas vertentes clínicas atuais).

A psicanálise busca um ponto de *fixão* do gozo (fixação), como disse Lacan (no texto *L'Étourdit*): o que interessa, então, é saber se uma análise tem condições de fixar o gozo, ao invés de deixá-lo à deriva.

Como a análise pode levar uma pessoa a mudar a sua posição frente ao gozo, e com isso obter satisfação? É uma questão de hoje – constata Forbes – e não de poucos anos atrás, quando ainda se pensava em termos de travessia do fantasma.

A partir dessa questão Forbes retorna as quatro perguntas postas aos AEs, como havia listado em abril, às quais ele acrescenta outras duas, surgidas ao longo da entrevista, e compõe uma tabela com o resultado da pesquisa.

Foram as perguntas:

1) O passe é o final de análise?

2) O passe de uma época é igual ao da anterior? (em outras palavras: em diferentes épocas da psicanálise, há mudança apenas de linguagem, ou há avanço da clínica?).

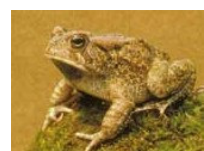
Nesse ponto, Forbes retorna à proposta do “inconsciente é a política”, mencionada no início. Assumir o inconsciente político significa lê-lo como transindividual. É diferente da proposta da “caixa fechada” de Freud, Anna Freud e da *Egopsychology*, em que o inconsciente é algo que “está lá” e pode ser abordado cientificamente.

O inconsciente como “caixa fechada” envolve a concepção da língua disjunta do objeto – L V O – do primeiro momento da psicanálise. Nessa linha, é fácil substituir o trato com o inconsciente por uma leitura biológica. A condição é que também se perceba o cérebro como algo que “está lá”, como é pensado pela grande maioria dos psiquiatras biológicos. Outros, por seu turno, já apresentam o cérebro como um órgão relacional, numa orientação que recentemente tem produzido pesquisas, por exemplo, sobre como a linguagem pode transformar as circunvoluções do cérebro.

Os opositores, na psicanálise, à “caixa fechada” do inconsciente, assumem-no como transindividual. Essa posição foi semeada pelos kleinianos, com marco inaugural no trabalho de Paula Heimann (1949), segundo Laurent e Miller. A proposta de que a análise constitua uma inter-relação, porém, levou o inconsciente ao esquecimento pelos analistas mais distantes de Lacan. O brasileiro Isaias Mehison, por exemplo, já há anos sustenta ser o *inconsciente* uma noção a discutir.

Essa posição é marcada pela concepção da língua unida ao objeto (L O) e traz uma perspectiva humanista para a psicanálise – divergente, portanto, daquela primeira postura, de caráter cientificista. É a perspectiva de Daniel Widlöcher, atual presidente da IPA, que dá foco à *empatia* na clínica: ao sustentar que tem acesso ao sofrimento do paciente (seu *pathos*), propõe-se a intervir por um reajuste.

Enfim, quanto a essa segunda questão, antes mesmo de apresentar a resposta dos entrevistados Forbes adianta que não se trata de mera mudança de linguagem nas diferentes épocas da psicanálise: a clínica conduzida como o fez Freud, por exemplo, hoje atenderia



apenas a um mínimo de pessoas, sem alcançar os sintomas que surgem na sociedade além do pai. A referência que oferece é seu texto *Tempo de Análise e Re-análise*<sup>(1)</sup>.

3) Se há mudança na clínica de uma época para outra, há então vários finais de análise em uma mesma pessoa?

4) Como julgar hoje o passe?

Sobre isso, vale adiantar a conclusão dos entrevistados, que abraçaram a posição de François Leguil: o problema do julgamento hoje do passe é que ele envolve o trato com um conteúdo inconsistente, que requer intimidade para ser transmitido resistindo a universalização. Há, portanto, necessidade de um clima de estreita confiança para se julgar um passe.

5) Como os entrevistados receberam a notícia de que eram AEs?

6) Havendo vários finais, os entrevistados fariam outra vez o passe?

Forbes compôs um quadro das respostas a partir da exposição das longas e detalhadas entrevistas, que ultrapassam em muito o escopo dessa sinopse. Limitamo-nos ao quadro conclusivo:

	(1) o passe é o final de análise?	(2) em épocas diversas, há diferença no passe?	(3) se sim, haveria vários finais para uma mesma pessoa?	(4) como julgar o passe?	(5) como receberam a notícia de que eram AEs?	(6) havendo vários finais, fariam vários passes?
<b>François Leguil</b>	Não	Sim	Sim	Confiança	Desconfiança	Não
<b>Hugo Freda</b>	Não	Sim	Sim	Confiança	Choro	"Sim"
<b>Esthela Solano Suarez</b>	Não	Sim	Sim	Confiança	_____	Talvez

obs.: a ordenação dos nomes dos analistas é relativa à ordem que responderam à entrevista.

<sup>(1)</sup>Em *Opção Lacaniana*, no 9. São Paulo, Editora Eólia, 1994, pp. 10 a 12.

